

praga

escuta

# PRA GAES CU TA

escuta

praga





o primeiro evento a atravessar as narrativas deste grupo foi a imagem de uma frase projetada na parede. não vão nos matar agora. essa imagem estava justaposta à presença de Jota Mombaça<sup>1</sup>, primeira convidada do núcleo de artes visuais. a artista usou o termo “nós” para se referir a algumas experiências pessoais-coletivas e pediu que o público se retirasse desse “nós” caso não o pertencesse. “nós”, nesse caso, não era convocado a fim de descrever um grupo coeso, homogêneo, normativo. é uma reinvenção do pronome. essa postura visou demarcar um locus social e introduzir uma discussão acerca do lugar de fala, partindo de um “nós” com consciência de sua posição de raça, gênero, classe e sexualidade. ou seja, um “nós” localizado socialmente, situado, corporificado. isso foi enfatizado por Jota para nos lembrar que somos sim seres vulneráveis, mas que os riscos não são os mesmos para todas as pessoas. na sequência dos encontros começamos a ler “o que é lugar de fala?” da filósofa Djamila Ribeiro<sup>2</sup>, livro que contribui com a discussão acerca da teoria feminista do ponto de vista.

---

<sup>1</sup> Jota Mombaça (1991) é uma bicha não binária, nascida e criada no Nordeste do Brasil, que escreve, performa e faz estudos acadêmicos em torno das relações entre monstrosidade e humanidade, estudos kuir, giros descoloniais, interseccionalidade política, justiça anti-colonial, redistribuição da violência, ficção visionária e tensões entre ética, estética, arte e política nas produções de conhecimentos do sul-do-sul globalizado. (bio escrita pela própria Jota).

o termo “lugar de fala”, e as discussões a ele adjacentes, foram as chaves conceituais que marcaram as nossas conversas sobre arte - tendo como foco as nossas produções de artistas, curadoras e o circuito cultural de curitiba. as sessões aconteceram quase semanalmente entre maio e setembro de 2018. nelas buscamos compreender o nosso lugar de fala sendo que somos indivíduos com histórias e contextos diferentes, nos reconhecer, e perceber como esse lugar que ocupamos socialmente reverbera na cena de arte da cidade. definir, assim, a qual “nós” pertencemos.

para finalizar simbolicamente os encontros e apresentar o nosso processo de grupo publicamente, optamos por criar uma publicação, um evento de lançamento e um mapeamento do circuito de arte de curitiba. essa última ideia, no entanto, foi descontinuada.

o processo dessa publicação que você tem em mãos se deu em quatro momentos:

---

<sup>2</sup> Djamila Ribeiro (1980) é pesquisadora na área de filosofia política com mestrado pela UNIFESP, colunista (Carta Capital, Géledes, Revista Elle) e escritora. Foi secretária-adjunta na Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo, na gestão de Fernando Haddad. Autora dos livros “O que é lugar de fala?” (Editora Letramento) e “Quem tem medo do feminismo negro?” (Companhia das Letras).



**primeiro:** o formato impresso era novidade para a maioria dos envolvidos, logo, o primeiro momento foi o da dúvida. como traduzir as ideias em imagens? pensamos se seriam propostas individuais ou coletivas, se partiria de nossas pesquisas pessoais ou permeadas por um tema em comum. também nos perguntamos como não cair na armadilha de apresentar somente registros de outros trabalhos (registro de performance, objetos, entre outras obras que não foram imaginadas para o papel).

**segundo:** em busca de um ponto de partida, a Beatriz Lemos sugeriu que cada um de nós pensássemos em duas palavras que transmitissem as principais ideias discutidas ao longo dos encontros. em seguida, apresentamos as palavras e os motivos da escolha. escrevemos cada palavra em uma folha em branco. decidimos dentre essas quais seriam as duas representantes da nossa trajetória de grupo.

lugar de fala / momento político

rachadura / fenda ou brecha ou infiltração

público / sistema de arte

cena / escuta

projeto / espaços de arte

formador / quebra

rachadura / avesso

deslocamento / enfrentamento

malha / posição

pertencimento / praga

infiltração / curto circuito

embate / convergência

gênero / raça

brecha / redistribuição

deslocamento ou imbricação / ruptura

**terceiro:** depois de definidas as palavras que nos serviriam como referência, sorteamos dois grupos de artistas (cinco artistas em cada). o grupo inicial se dividiu, portanto, ao meio. formaram-se o grupo praga e o grupo escuta. cada grupo teria a interlocução de uma curadora, também sorteadas. começamos a nos reunir de forma ramificada. os encontros tinham como objetivo discutir os projetos que seriam apresentados na publicação, tendo como eixo temático as palavras que foram designadas, em sorteio, para cada grupo.

**quarto:** por fim, as ideias e propostas desenvolvidas nos grupos praga e escuta foram apresentadas. começamos a perceber conexões, aproximações, relações entre os trabalhos dos dois grupos. decidimos assim dissolver a ideia de grupos ramificados. os dois temas estavam permeando nosso imaginário desde o momento do sorteio, por isso a divisão inicial não fazia mais sentido. ficou evidente na apresentação dos trabalhos como essa ideia das palavras era uma forma de impulsionar a produção a partir de um eixo conceitual, mas não era necessariamente uma fórmula ou interpretação superficial de seus sentidos. cada artista as interpretou a partir do seu repertório de trabalho e produção.



as palavras praga e escuta foram influenciadas pelas ideias de Jota Mombaça e Djamila Ribeiro, leituras onipresentes em nossos encontros, como já mencionado anteriormente. queríamos criar uma relação de tese e anti-tese com essa escolha. praga representaria o aprofundamento da fenda<sup>3</sup>. o poder de destruir o mundo da forma como conhecemos<sup>4</sup>. promover uma redistribuição da violência. já escuta, por sua vez, representaria o volume audível da fala<sup>5</sup>, a reconstrução de sentido. materializaria o momento pós-praga, o levante, a insurreição. na perspectiva de Grada Kilomba<sup>6</sup> citada por Djamila, um tema essencial quando discutimos lugares de fala é a necessidade de escuta por parte de quem sempre foi autorizado a falar. criar lugares de escuta é essencial para compensar a opressão estrutural que impede que indivíduos de certos grupos tenham direito à fala e, por consequência, à humanidade<sup>7</sup>. essa publicação surge, portanto, na busca de uma síntese entre fins ao mesmo tempo antagônicos e complementares.

a escuta das ideias se deu a todo momento, visto que o processo da publicação foi mediado pelas nossas bocas e ouvidos. nesse sentido, a praga também esteve presente, uma vez que o contágio se dá por meio da ingestão e inalação de gotículas de saliva contaminadas. o contato gera sempre um risco. mas, como ressaltado por Jota, os riscos não são os mesmos para todas as pessoas. na ordem não vão nos matar agora é necessário se situar. em maio, quando começamos esse projeto, guardávamos a confiança quase utópica de um país

que assumisse o compromisso da distribuição igualitária do cuidado<sup>8</sup>. no final de outubro, quando a primeira versão dessa publicação estava pronta, essa esperança já pertencia ao passado. esse impresso que você repousa os seus olhos guarda uma fagulha dessa esperança em busca de combustão.

Isadora Mattioli

---

<sup>3</sup> Frase dita por Jota Mombaça na sua participação no núcleo de artes visuais.

<sup>4</sup> Frase dita por Jota Mombaça na sua participação no núcleo de artes visuais.

<sup>5</sup> Frase dita por Jota Mombaça na sua participação no núcleo de artes visuais.

<sup>6</sup> Grada Kilomba (1968) é uma artista interdisciplinar e escritora nascida em Lisboa. Os temas de seu trabalho se reportam à memória, raça, gênero e a descolonização do conhecimento. Autora do livro *Plantation Memories* (2008). Vive atualmente em Berlim.

<sup>7</sup> Djamila Ribeiro em "O que é lugar de fala?".

<sup>8</sup> Frase dita por Jota Mombaça na sua participação no núcleo de artes visuais.

Ficha Técnica:

Artistas:

Bia Figueiredo  
Eduardo Amato  
Guilherme Caldas  
Gustavo Caboco  
Ísis Odara  
Larissa Fantini  
Lucas Alameda  
Pedro Vieira  
Rodrigo Melo

Curadoras:

Isadora Mattioli  
Marina Ramos

Coordenação:

Ana Rocha  
Beatriz Lemos

Projeto gráfico e diagramação:

Gustavo Caboco e Pedro Vieira

Capa:

Guilherme Caldas  
Gustavo Caboco  
Pedro Vieira

Esta publicação foi realizada como finalização do projeto Núcleo de Artes Visuais do SESI Paraná, realizada no Centro Cultural Heitor Stockler de França, entre os meses de junho e setembro de 2018.